

AFONSO DLHAKAMA 1

Projecto: Caminhos da Paz

Nota: Encontro de Dlhakama com Mario Raffaelli na sede da Renamo em 2009 durante a preparação do filme CAMINHOS DA PAZ. O que se reproduz a seguir é um encontro deliberadamente gravado e autorizado para efeitos de memória do que se passou em Roma.

Moçambicano

Dlhakama nasceu em Mangunde, província de Sofala. É membro fundador e líder da RENAMO desde a morte de André Matsangaia, a organização que lutou contra o governo FRELIMO durante a chamada Guerra dos 16 anos, antes de assinar um acordo de paz em Roma e se tornar líder um partido político de oposição no início Década de 1990.

Raffaelli – o presidente estava lembrando da culinária da Itália como é boa...

Dlhakama – sim posso contar até para aparecer ali. O que é que acontecia? Nós entrávamos no restaurante, então chegávamos, o nosso grupo, o Guebuza também ali com o grupo ali. Foi uma coisa muito boa, Madeira, Masula, Raul e aquilo tudo, pronto. Pronto, chegávamos ali, aquilo era amizade. Tinha aqueles pães, porque na Itália você chega e logo começa...depois chouriço e tudo aquilo. Depois são simpáticos os gerentes dos restaurantes e tudo. Porque naquilo o italiano... é especialidade... é um restaurante. Depois é uma cadeia de restaurante, de 50 em 50 metros o restaurante, restaurante, restaurante. Você entra num restaurante aqueles chefes todos *buon giorno*, e já estão a encher o prato. Então, eu gostava muito de um peixe, que esse peixe é parecido com um peixe do rio doce da minha terra (...01:42). Mas (...01:42) é um peixe branquinho e macio. Os italianos chamam esse peixe de *spigola*. Então, para mim, como desde criança, é típico de peixe assim que comíamos com a escama e tudo. Então já dizíamos você carne, você *spigola*, como é? *Spigola* sem *pulire*. Então os italianos já sabiam que somos moçambicanos e diziam: Chefe, *spigola senza pulire*. Foi uma coisa muito boa.

Raffaelli – e Raul a primeira vez era magrinho e depois...

Dlhakama – todos, o Raul, o Lu. Mas saíam de Maringue, saíam magrinhos de gravata, pequeninos. Regressavam que se pareciam hipopótamos. Dos dois lados. Depois o presidente da república agora, o Guebuza, ficava com o frasco de pepino. Mesmo se perguntar agora não esconde nada.

Raffaelli – porque na Itália é mais fácil. Pediu uma, duas ou três vezes e depois

...

Dhlakama – mas é uma coisa que eu gostei é que os italianos nunca impuseram às partes, sim. Mesmo o governo. O governo tentou brincar no início, a guerrilha, a guerrilha, tá, tá, tá. Então, o nosso amigo Raffaelli e também o professor Riccardi do Santo Egídio falaram com a Frelimo: opa ninguém chama guerrilha aqui, senão.. porque eu disse assim se chama a polícia eu vou para Maringue. Então, houve um tratamento muito bom, que os outros mediadores não fazem. Quando falam com o governo... por que que na Etiópia, mesmo nos dois grandes lagos as coisas andaram a falhar? Porque muitos mediadores lá tratavam assim, pronto, aquela coisa, esses são guerrilheiros, esses não são o que. Mas os italianos foram... Não digo porque o meu amigo está aqui, não, foi uma coisa boa, foi. E é por isso mesmo que...mesmo para ver todos os acordos que foram assinados quando não houvesse consenso entre Frelimo e Renamo, meu amigo Raffaelli ia o que? Escrevia o que ele achava que podia aproximar a Frelimo e a Renamo. Então, dava as cópias à Frelimo e à Renamo. Eu dirigi as negociações a partir de Maringue, tudo que o Raul fazia era eu quem ditava, faça isto, faça isto. Às vezes as coisas não corriam, o mandava para saber, e apanhava o avião amanhã, regressar, e regressava e ficava um mês e voltava, e era assim mesmo. Eu tenho apontamento e sei disto. Foi uma coisa muito boa. E sim às vezes havia conflito Frelimo, Renamo, Governo. Então Raffaelli que é que faz: está bem vamos adiar hoje, amanhã. E eu produzia, sabia que a Renamo, a posição é está Frelimo... depois ela aproximava... depois dava assim está bem amigos da Renamo e da Frelimo, pronto tem 24 horas para estudar. E então a gente aproximava no dia seguinte e era o acordo. Todos os protocolos.

Raffaelli – às vezes tínhamos que fazer dois, três

Dhlakama – não, foi uma coisa muito boa.

Raffaelli – um momento importante foi também o encontro em Dilongue no Malawi. A primeira vez no Quênia, com o problema dos zimbabuanos. Eu conservo todas as minutas dessa discussão...

Dhlakama – e depois eles, os italianos convenceram. Sabe que o Mugabe chegou também a ser mediador. O Mugabe que tinha tropas em Moçambique. Sim ele tinha tropas aqui. Pronto, organizavam o encontro do dia 4 de agosto, em Simeira, sim na primeira semana, eu com o presidente Chissano, o Mugabe tava lá, mas os italianos é que fizeram tudo.

Raffaelli – foi o primeiro encontro do presidente com o Chissano. Nunca aconteceu antes.

Dhlakama – e depois no dia 7 de agosto. Lembro as datas todas.

Raffaelli – eu lembro que o presidente Chissano decidiu a primeira vez, tentou fazer um encontro na África. Mas concordamos de fazer em Roma. E quando

falei com o presidente Chissano em Simeria no dia 1 de agosto disse: O que o presidente acha que vai acontecer? Vamos assinar o cessar fogo. Acho que não. E tinha falado com... E quando o presidente chegou em Roma, amanhã tenho um encontro com os americanos, e a ideia era a mesma que não tinha uma solução. Então nos decidimos um plano B, o problema da *deadline* é a decisão que foi tomada. Depois de noite, num encontro com o presidente, o presidente disse: não, eu não estou pronto a fazer o cessar fogo. E conseguimos um acordo. Eu lembro do primeiro encontro do presidente com Chissano porque estava sozinho com vocês.

Dhlakama – amanhecemos no hotel, sabe, começamos às 20 horas, 8 horas, horas da Itália. Só às 4 horas da madrugada é que nos separávamos, e já éramos amigos, eu com o presidente Chissano, sim, sim, sim. Mediadores já achavam nós vamos aí a tomar, tomar e pronto, éramos já amigos.

Raffaelli – irmão o presidente era..

Dhlakama – depois dali nos encontramos no dia 7 também em Villa Madama. E depois vim a me encontrar com ele em Gaborone, no Botsuana. O presidente (...) aquele já estava todo..

Raffaelli – e o segundo foi o dia 4 de outubro, eu lembro a discussão a noite, e toda noite ia brigar com o presidente Chissano, com o presidente Dhlakama...

Dhlakama – porque era para ser dois. Era para ser um à dois de outubro. Só que o governo queria que a gente, pronto, aqui nas nossas zona Maringue, ... entregar, e tudo. Eu disse que não, não podemos, temos que ter também o que? Administradores das zonas, e tudo. Então retardou muito aquilo. Depois aceitaram e assinamos.

Raffaelli – a boa ideia foi a decisão daquela comissão para a implementação do acordo, isso foi a chave. O preâmbulo antes no Malawi, o acordo de fazer...

Dhlakama – foi uma coisa muito boa. Por isso tenho dito que apesar de tudo, às vezes somos mortos, somos presos, mal tratados, humilhados e tudo. E eu tenho dito nunca mais a guerra em Moçambique iniciada pela Renamo, eu tinha dito, e são já 17 anos. É uma coisa que eu posso me orgulhar... quantas vezes os membros da Renamo, presos, mortos mal tratados e tudo. Todos diziam assim presidente vamos represar, e eu disse que não, tenho compromisso com a comunidade internacional e tenho um compromisso com o povo de Moçambique. Isso também é um meu orgulho, a seriedade para todo mundo. Porque como líder unitário general na África não é fácil é. **Sabim** me estragou por que? Porque eu diz.. por isso há sempre conflitos na África. E eu disse que não, quero que os europeus apesar de tudo digam o Dhlakama afirmou no dia 4 e escreveu, jurou que nunca mais. E até hoje. Moçambique é um exemplo. Apesar isto é normal

na África, falta democracia pluralista, mas é o que nós temos e vamos aguentando com o **parco**. Mas em termos de pegar mais armas, matar-se um ao outro, não. Eu tenho proibido. Os meus mesmo dizem que não, os da Frelimo matam, massacre de **Mutupuege**, mesmo quando há campanhas são presos, agora mesmo tenho mais de 40 mensagens dos nossos homens que estão sendo presos e tudo, proibidos de votar, muita coisa. Mas deixamos ordens, é África.

Raffaelli – o embaixador estava me dizendo ontem que tempo depois estive em Maputo, na sua casa, e eu lembro quando falo com as pessoas sempre ressalto esse fato que quando estou entrando na sua casa o presidente Dhlakama disse Mario, não preocupa que não vamos voltar para a guerra. E eu estava dizendo que isso era a prova que a guerra acabou. Numa situação que era possível, mortos de Monte ... as pessoas na cadeia que morreram. Eu não posso esconder que durante todo esse período de discussões cada vez em que se tinha um problema o presidente dizia é melhor utilizar mais tempo mas quando o acordo for assinado será para sempre. E outras pessoas diziam não estar aí a perder tempo, precisa...

Dhlakama – foi uma coisa boa porque nos dois lados, queira o governo, queira a Renamo, acredito que ninguém foi imposto para assinar. Nós todos assinamos e...mesmo essas coisas que estamos dizendo das provocações por parte do governo. O governo também estava disposto a manter a paz. Sobretudo o presidente Chissano. É um exemplo mesmo para a ONU.... lembro muito bem o Koffi Annan, Herman Coen, e mesmo o Secretário-Geral Broutus-Ghali veio aqui quando havia problemas e tudo. Foi uma coisa.

Raffaelli – Aldo Ajello.

Dhlakama – ele já veio ?

Raffaelli – sim, sim eu o encontrei desde o dia 3. Tínhamos um convenio, agora está retirando.

Dhlakama – é amigo da Renamo. Até agora às vezes quando fala comigo.. é muito bom. É melhor também que comece a escrever livros também. É preciso que eu comece a ver livros. Que pela primeira vez um general guerrilheiro africano que promete e faz. Porque não é fácil na África, todos negros, todos destroem tudo, tudo, a história da África é esta.

Raffaelli – mas esta é exatamente a ideia do documentário, do filme. A história...

Dhlakama – mas isto é muito bom. É bom por que? Para os africanos também aprenderem comigo, sim, sim. Muitas vezes nós seres humanos aprendemos com os outros, mesmo na Europa. Que o tal fulano foi um grande homem, e tudo

isto. A história é esta. Vai servir para os filhos dos italianos, os filhos dos moçambicanos. Porque eu lembro muito bem mesmo o Secretário-Geral da ONU na altura Broutus-Ghali dizia: Dhlakama não vai conseguir. Todos, americanos, franceses, portugueses, e tudo. Mas os italianos já tinham certeza porque eu dava a entender através do Dom Jaime, Santo Egidio, o próprio Raffaelli que não, não ia. Já havia do fundo do coração,... agora completamos 17, é muito.

Raffaelli – quando completar 20 anos vamos fazer alguma coisa.

Dhlakama – não, não a amizade foi feita, tá feita. Às vezes a minha mulher costuma dizer: ... e os nossos amigos italianos. Às vezes me pergunta como é a relação com os italianos, estão com a Frelimo ou estão conosco? Digo que não, estão conosco. Porque ela veio quando eu saía de Maringue na altura faltava pouco tempo porque a minha mulher nunca esteve fora. Quando começamos (**barulho de moto**)... já em 1991 a minha mulher ainda estava no mato, a guerra continuava, nunca ficou fora. Foi o Raffaelli, ou não sei quem falou com os portugueses, ou não sei se foram os italianos que convenceram Mário Soares, na altura, (**barulho de moto**) disse que não faz sentido, a guerra vai acabar e a mulher do Dhlakama continuar sempre no mato, pode vir para Portugal. Primeiro foi o Arap Moi. A minha mulher disse cá eu não quero ficar. Em 1991 já estávamos nas negociações, as negociações começaram em 90, 91 já estava no meio. Antes disso tudo ficou no mato. Arabe Moil disse: tá bem vamos falar com os italianos. A Rosaia, minha mulher, disse que não, há que notar porque fala **suairis**, inglês. Podia ser num país onde se fala português para as crianças quando vão **nascer**. Já não sei através do Barroso e assim parece que se “enfrugenciaram”. Então Mario Soares naquela altura aceitaram, não, já que estávamos a negociar temos certeza que a guerra vai acabar; a senhora com criança pode vir à Portugal. Então foi em 1991 que a minha mulher foi à Portugal. Então, cada vez que eu saísse de Maringue eles pagavam bilhetes, de Maringue alugavam “avionete” até o Malawi, depois ... até Quênia Quênia então diretamente Roma. Várias vezes. De vez em quando, quando houvesse impasse em Roma, portanto me chamavam e eu ia lá. Então para falar com Raul, todos, e continuamos. Então cada vez que eu fosse à Itália, também a minha mulher, eles também mesmos compravam os bilhetes para Rosaia para me encontrar lá. Lembra-se quando deixamos de assinar no dia 1, dia 2, disseram: ah o Dhlakama deixou de assinar porque foi receber a mulher dele no aeroporto. Eu dizia que não, era por causa dos distritos, e tudo.

Raffaelli – e eu que uma noite no telefone quando resolvemos todos os problemas das 6 da tarde, e o presidente pediu para participar à cerimônia no dia seguinte, e eu chamei o Ministério, e o Ministério estava muito preocupado porque o Pieter Botha estava a dizer é tudo um fracasso. E o Ministério dizia não não, vamos assinar imediatamente. E eu falei com o presidente, o presidente estava a insistir: não Mario eu vou assinar amanhã, mas é preciso haver um

clima bom, não tarde, etc. E eu chamei o Ministério eu dou a minha palavra, o presidente está a fazer.

Dhlakama – nessa altura o Pieter Botha vinha tentar negociar com ... depois havia o representante o professor do Arabe Moil, sim. Depois havia aquele que morreu Tiny Roland e fazia tudo aquilo e dizia Mister, Mister, *Signing*. Eu disse que não. Dizia assim: agora se não vão assinar nós vamos. Eu disse *Lady, lady go*. Então, Pieter Botha *please...* e eu dizia não *go to South Africa*.

Raffaelli – de fato no mesmo momento que o presidente está dizendo amanhã vamos assinar, o Pieter Botha e o ministério estava dizendo não, não é um fracasso. E infelizmente fez uma intervenção na televisão italiana dessa maneira a noite o Pieter Botha estava na televisão italiana a dizer ah é um fracasso, acabou todas as negociações. E no dia seguinte estávamos assinando.

Dhlakama – os sul-africanos tinham ciúme, queriam liderar, sim. Queriam que tudo fossem eles para dizerem que não são os italianos. Nós sabíamos das brincadeiras, nós mandávamos passar. Não, foi uma coisa muito boa. Então no dia seguinte quando não assinamos, quando eu fui receber a minha mulher disse que não, o Dhlakama não assinou porque foi receber a mulher. Depois foi uma coisa boa quando assinamos, eu é quem dirigi a delegação porque o presidente Chissano, não sei o que se passou, naquele dia em que assinamos ele foi para Portugal. Fiquei eu, levei o Raul, o Guebuza e tudo, fomos no Santo Padre, fomos recebidos, sim o Papa. Tenho muitas recordações. Chegamos juntos né? É quando o Papa perguntou a mim e a minha mulher: vocês são jovens, vocês vão manter a paz. E dissemos que sim, vamos manter a paz. Temos fotografias, sim uma coisa muito boa.

Diretor – o que acha da ideia de fazer esse filme como um momento histórico pro Moçambique.

Dhlakama – é muito bom. São exatamente essas conversas que estamos a falar aqui, já dizem tudo. Que o filme que vai ser feito, certeza une a família moçambicana, a Renamo, a Frelimo, o governo na altura e a Renamo. E também une já o povo moçambicano com os italianos, não resta dúvidas que os meus filhos, os filhos dele, os filhos desse, do senhor embaixador, do meu amigo Raffaelli, de todos o Ricardo, e como se chama Incisa também, todos, mesmos aqueles que na altura eram ministros e tudo. Porque foi um momento muito difícil que acabou-se a guerra que ninguém acreditava. Há muitas guerras na África que já duraram 50 anos, assinam três vezes e tudo, amanhã voltam e tudo aquilo. E para nós, aquilo que estou a dizer, não estou a dizer porque está aqui o Raffaelli. Eu quero congratulá-los porque os italianos não aceitaram que o governo fizesse pressão ou que houvesse um tratamento especial para o governo, porque muitos mediadores no mundo estragam por que? Porque há um

sentimento de que os outros são do mato e podem ser tratados não sei quanto e esses bem porque não? Mas os italianos cortaram, disseram que não, ou a Renamo que quer acabar com a guerra, e a Frelimo que vai aceitar e tudo e vai assinar o acordo, ou não há nada. Por isso eu estava a dizer aqui, livre, que muitas vezes quando o Raul e o Guebuza... o atual presidente foi chefe negociador por parte da Frelimo, o Raul Domingos foi o chefe negociador. O Chissano mandava orientações para o Guebuza e eu mandava para o Raul. Mas o que acontecia? Às vezes as duas partes estavam muito longes, e os italianos diziam não não, vão descansar os moçambicanos, vão comer aí no restaurante, vão beber, vão comer *spigola*. Deram-nos 24 horas. Então Raffaelli pegava na caneta, ele já conhecia o que a Renamo pretendia, a inclinação da Renamo, e também sabia a intenção da Frelimo. E ele fazia... então tava o Raul e o Guebuza. O Guebuza ligava para o Chissano e o Raul para mim. Dizíamos sim e então o acordo era assinado. Sempre, sempre, sempre. Eu cheguei a vir pessoalmente. Portanto, para dizer que de fato que o filme não é bom só para nós da nossa idade que participamos nas negociações, vai ser um exemplo para todo mundo. Uma aliança entre italianos, moçambicanos e a reconciliação entre Frelimo e Renamo. Uma coisa excelente. E eu vi com os meus olhos, não estou a contar... não, eu vi, participei. Tudo está gravado. É assim como a amizade Europa, África, é assim como as coisas são, sim, são feitas com coisas concretas, ninguém na Europa já foi mediador para questões africanas que tenha tido sucesso como aquele acordo. Nunca, nada, não há nada. Olha a UNITA quantas vezes assinou em Portugal, não sei quantas vezes na América e tudo. Sim porque uns puxavam assim, assinou? Assinamos. Eu posso fazer uma coisa que eu não quero, chego em casa é assinar aquilo que as pessoas acreditam.

Raffaelli – isso é a ideia de pegar todo o tempo necessário, porque em Angola disseram.

Dhlakama – eram seis, três meses. Queriam demonstrar que eram mais profissionais, e depois falhavam sempre.

Raffaelli – porque deixaram muitos problemas para trás...

Dhlakama – sim, deixaram. Agora os italianos não. Cada parte iam os pormenores e tudo, escrevia como quisesse. Enquanto que o caso da UNITA e dos outros os mediadores queriam só saber quando é que acaba a guerra. Não é o fato de acabar a guerra primeiro é investigar porque que há guerra. Se criam as condições. As duas partes começarem a reconciliar-se de que vamos assinar uma coisa que... foi o que aconteceu em Moçambique. Não é só dizer que a guerra acabou. A guerra não pode acabar sem que haja um acordo que resolva os problemas que provocaram a guerra. Então os italianos deixaram a possibilidade para a Renamo e para a Frelimo que negociassem porque que

houve a guerra. Os protocolos todos iam um, dois, e três e tudo. Então iam aproximar-se das partes. E todos aceitaram que sim senhor o motivo da guerra é isto, estou a reconhecer. Então foi isso. Agora não é mediar e dizer que vai acabar a guerra. Não, porque a guerra não começou, há um conflito e que esse é o conflito, tem que entrar que não vai se repetir. E foi aí onde os italianos foram os melhores.